

MULHERES NOS BASTIDORES DA POLÍTICA PARAIBANA: LÚCIA BRAGA E O MOVIMENTO DE AÇÃO FEMININA NA CAMPANHA ELEITORAL DE 1982

Dayanny Deyse Leite Rodrigues¹

RESUMO

A década de 1980 é marcada por diferentes redirecionamentos na esfera política brasileira, das quais destacam-se o processo de redemocratização e a realização das primeiras eleições governamentais diretas após o golpe de 1964. Na Paraíba, a eleição governamental de 1982 carrega consigo características peculiares, marcada por arranjos e rearranjos políticos, trocas públicas de ofensas, um bipartidarismo velado, e a forte utilização da máquina estatal a favor do candidato da situação, Wilson Braga. Outro ponto de destaque, diz respeito a intensa atuação de Lúcia Braga, esposa do referido candidato, durante a campanha eleitoral apontada. A participação efetiva de Lúcia Braga na empreitada de Wilson se concretizou por meio de sua atuação junto ao MAF, Movimento de Ação Feminina, organização liderado por ela, destinado a mobilizar mulheres em prol da campanha braguista. Esse estudo, pautado no viés da Nova História Política, busca analisar essa participação de Lúcia Braga junto à campanha eleitoral de 1982, momento em que seu esposo é eleito governador do estado da Paraíba. Aqui, a noção de poder é entendida de forma horizontalizada, na qual suas relações são enxergadas nas mais variadas áreas e ações dos indivíduos. Enquanto fonte, o estudo valeu-se da escrita autobiográfica de Lúcia Braga, por meio de seus dois livros, *Tempo de Viver, Tempo de Contar* (1996) e *A Casa da Palmeira* (2009), e textos publicados pela imprensa local, pontualmente os jornais *A União*, *O Momento* e *O Norte*. Deste modo, analiso a atuação de Lúcia Braga apontando as relações de poder estabelecidas, consciente e inconscientemente, por meio dos espaços que percorreu durante a empreitada eleitoral, levando em conta algumas de suas ações, como a presença constante ao lado de seu esposo e seu poder de mobilização popular, apontadas nesse estudo, como característica significativa da personalidade em questão.

Palavras-chave: Mulheres; Política; Lúcia Braga.

A década de 1980 tem como principal marco político o processo de redemocratização, iniciado em 1974, com o governo do General Ernesto Geysel, findando-se apenas em 1985, momento em que um candidato civil é eleito à Presidência da República, mesmo que pela via indireta. No meio dessa temporalidade, a conjuntura política do ano de 1982 merece destaque, tendo em vista a tamanha importância que as eleições do referido ano tiveram para o desencadear dos acontecimentos a posteriori. Inserida no plano de reabertura política lenta e gradual encabeçado pelo governo central, as eleições de 1982 ocorrem sob o prisma de diversas tensões.

Se apresentando com características bem peculiares, não apenas por ser o primeiro pleito direto para o cargo de governo dos estados, as eleições de 1982 na Paraíba ocorreram em meio a diversos embates políticos e ideológicos. A escolha de Wilson Braga à candidato pelo PDS (Partido Democrático Social), a dúvida na escolha do vice para compor sua chapa, o apoio inesperado de Burity, a oposição do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), o PT (Partido dos Trabalhadores) tentando aparecer na disputa, mas ficando a margem das reais possibilidades de vitória, são aspectos marcantes dessa disputa eleitoral.

No referido pleito, Wilson Braga, candidato pelo PDS, se elege para o cargo de Governador da Paraíba, derrotando Antônio Mariz, candidato do PMDB, com uma maioria de

¹ Graduada em História pela Universidade Federal da Paraíba (2014). Mestranda em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba.

mais de 150 mil votos, Wilson contou com o apoio de Tarcísio Burity, então governador do Estado. O apoio de Burity foi um dos fatores essenciais à vitória de Wilson Braga ao governo do Estado, refletida na pequena maioria de Antônio Mariz na capital paraibana. “Os cálculos admitiam 30 mil, os otimistas esperavam 70 mil, e a maioria real de Antônio Mariz em João Pessoa foi de 10.636 votos” (MELLO, 2010, p. 19). Com a grande maioria dos seus votos concentrados no sertão, em especial no vale do Piancó, região onde a família Braga detinha muita influência política, um dos motivos que aumentaram a popularidade de Wilson na capital foi o apoio de Burity e da máquina do estado.

Candidato pela situação, Wilson participou de uma campanha singular na história política local, marcada por arranjos, debates e confrontos ideológicos, ofensas públicas, inconsistências partidárias, incertezas quanto ao por vir. Mello (2010) destaca que

No que diz respeito à eleição de 82, a capital paraibana ganha realce por ter sido palco de confronto entre o populismo do deputado Wilson Braga e a emergência do discurso renovador do falecido líder Antônio Mariz, adotado pelo PMDB nos estertores do regime militar (MELLO, 2010, p.19).

Na mesma direção, Santos (1993) aponta que “Com os dois, a sucessão de 1982 registrou uma das mais disputadas eleições da Paraíba, isto posto em jogo o carisma popular de ambos, com uma diferença fundamental: Braga dispunha totalmente da máquina do Governo” (SANTOS, 1993, p. 277). Algumas práticas políticas paraibanas da década de 1980 se desenvolveram em meio a mudanças na legislação político partidária nacional, que objetivava promover transformações significativas do cenário. No entanto, para além de ideias e debates teóricos referentes a tais mudanças, percebe-se a implementação de estratégias de manutenção de poder, por meio de diversas práticas. Nesse sentido, observa-se um processo de retorno à democracia que se efetivava menos na prática e mais na formalidade. Exemplo claro desse descompasso são as eleições de 1982, que apesar de ocorrer sob a égide do pluripartidarismo, ocorreram de forma quase bipartidária, estando em um extremo o PDS e no outro o PMDB, antigos ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Brasileiro), respectivamente. O PT, mesmo lançando candidatura, correu por fora dessa disputa. Essas eleições foram marcadas, na Paraíba, pelo violento e abusivo uso da máquina estatal em apoio ao candidato e partido do governo (CITTADINO, 1999, p. 128).

Para além da importância de uma oposição, a presença e postura no PMDB, em especial, de Antônio Mariz, merece ser observada, tendo em vista que por muitos anos este e Wilson, seu opositor, fizeram parte do mesmo “grupo” ou partido político, a ARENA. O fato se configura como mais uma característica ressaltante das eleições governamentais de 1982 no estado paraibano. O nome de Antônio Mariz surgiu com o slogan de uma oposição inovadora, pautada na busca de uma profunda mudança.

Prefigurando a futura disputa de 1982, os parlamentares Wilson Braga e Antônio Mariz que mesmo pertencentes a idêntico partido expressavam estilos e ideologias diversas, com Wilson aferrado a populismo ideologicamente um tanto fluido, e Mariz o reformismo centro-esquerdizante de classe média que sugeria certa austeridade -, entregaram-se a disputa pela condição de mais votado da chapa (MELLO, 1993, p. 214).

Como Mello expõe acima, mesmo pertencendo a uma mesma legenda partidária por muitos anos, Mariz e Wilson carregaram consigo modos de fazer política diferenciados. Quatro anos antes, Antônio Mariz recorreu ao apoio que Wilson Braga, quanto à indicação ao cargo de governador do Estado paraibano. Agora de lados opostos, não mediram palavras para firmarem suas campanhas em todo o Estado. Dessa forma, cada qual usou suas “armas” para se sobressair nessa batalha. De acordo com Mello (2010),

Mariz recorreu a uma linguagem reformista, como estratégia para atrair a então decantada classe média. Vinha aureolado pela dissidência que logrou capitanear em 78, no PDS, sucedâneo da Arena, em represália ao fato de ter sido preterido na convenção homologatória, que consagrou Tarcísio Burity, descrito como um técnico apolítico e de estilo “pouco convencional”, ao se eleger deputado federal em 82 e retornar ao governo nos braços do povo, em 86 com acachapante maioria infligida ao ex-senador Marcondes Gadelha. Mas em 82 o embate se dava conta Wilson Braga, líder de notória inclinação populista, carisma incontestável e identificação com o cidadão comum, testado em vitórias proporcionais, num raio que se estendia do alto sertão, passando pelo seu “território” no Vale do Piancó e chegando a João Pessoa, com penetração nas áreas periféricas” (MELLO, 2010, p.19).

Como estratégia de campanha, Wilson Braga, sempre ao lado de sua esposa Lúcia Navarro Braga, deu atenção especial a população periférica de João Pessoa, objetivando conquistar a confiança e voto dessa parcela tão significativa do eleitorado pessoense. A presença de Lúcia Braga durante a campanha de 1982 é bastante evidenciada pela imprensa local. Fotos e notícias da atuação dela, ao lado de Wilson ou agindo junto ao Movimento de Ação Feminina, circularam pela capital. No dia 27 de junho “Acompanhando de sua esposa, Lúcia Braga, e outras lideranças, Wilson falou para a população do Alto do Céu”². Em outra nota, a presença e participação de Lúcia Braga também é noticiada, agora em comício realizado no bairro do Roger.

Ao falar para a pequena multidão que se aglomerou à porta da residência de Dona Dina, líder do comitê do bairro do Roger, a esposa do sr. Wilson Braga, Dona Lúcia, disse que ‘vamos governar o Estado com a presença da mulher paraibana, sempre esquecida pelas administrações passadas. Ela se referiu ao plano de governo de Wilson Braga, que assegurou a crescente participação da mulher da administração do Estado (Jornal *A União*, 16 de julho de 1982, p. 03).

O eleitorado feminino foi evidenciado na campanha de Wilson Braga, tendo Lúcia Braga atuado diretamente na organização e mobilização feminina em prol da campanha de seu esposo. Diversas foram as notas veiculadas pelo Jornal *A União* sobre a preocupação eleitoral de Lúcia e Wilson Braga no que diz respeito ao público feminino. Afirmando desejar dialogar com mais variados setores da sociedade, a campanha de Wilson Braga, busca aglomerar forças com o MAF.

Às 20 horas de hoje, o deputado Wilson Braga, acompanhado de sua esposa Lúcia Braga, estará no centro de proprietários de imóveis de João Pessoa para um encontro com o Movimento de Ação Feminina, oportunidade em que receberá sugestões para o seu plano de governo” (Jornal *A União*, 13 de julho de 1982, p. 01).

Percebido a importância do eleitorado feminino, Lúcia Braga atuou de forma direta na campanha de Wilson Braga, sempre propondo encontros, afim de criar uma imagem de uma campanha e um futuro governo no qual as mulheres estariam presentes, não apenas no momento eleitoral, mas também nos processos de tomada de decisão. Com o título “Braga quer governar com a participação da mulher”, o Jornal *A União* traz a seguinte nota:

Ao se reunir ontem com integrantes de 46 comitês da MAF – Movimento de Ação Feminina – o deputado Wilson Braga acompanhado de sua esposa Lúcia Braga, disse que não repetir os erros de administrações passadas, que receberam planos governamentais em ouvir a base, as comunidades [...]Vamos acabar com o tabu de que a mulher não sabe administrar a coisa pública, a partir de sua valorização como profissional (Jornal *A União*, 14 de julho de 1982, p. 03).

² Jornal *A União*, 27 de junho de 1982, p. 04.

Assim, notado a importância da atuação de Lúcia Braga junto a campanha eleitoral de 1982 por meio de sua intensa ação frente ao Movimento de Ação Feminina, este trabalho analisa essa participação, momento em que seu esposo, Wilson Braga, é eleito governador do estado da Paraíba. Esse estudo se fundamenta no viés da Nova História Política, no qual a noção de poder é entendida de forma horizontalizada, na qual suas relações são enxergadas nas mais variadas áreas e ações dos indivíduos. Nesse sentido, este trabalho se insere na perspectiva da História Política, mas não aquela do século XIX voltada apenas para as instituições do Estado, para os eventos de curta duração ou para os grandes eventos, que Jacques Julliard (1995[1976]) e René Rémond (1996[1988]) denomina como “factual, idealista e psicologizante”. Segue-se a perspectiva da História Política renovada, que a partir da década de 1980 teve que se aproximar e buscar aplicar questionamentos das Ciências Humanas e Sociais e da Ciência Política, respondendo, de certa forma, as novas possibilidades propostas pela Nova História Cultural, focando principalmente o campo das representações (BERNSTEIN, 1998)³.

Atacada e rejeitada por algumas décadas, a história política passou por um processo de renovação que começara a se organizar também na França, no final da década de 1960, ascendendo novamente ao cenário historiográfico. Um dos primeiros textos a apontar essa necessidade de renovação, assim como a apresentar algumas tendências vigentes na história política, foi escrito pelo historiador Jacques Le Goff, em 1972. Com o título “A Política: será ainda a ossadura da História?” Neste, o historiador destaca que a história política não se sustenta por si só, sendo necessário um diálogo com outras áreas do conhecimento. Ele discute o processo de crítica e “abandono” da história política pelo *Annales*, salientando que esta teria caído no ostracismo na segunda geração com Fernando Braudel. Ainda destaca que a retomada dos estudos políticos estaria ocorrendo mediante a mudança de noção de poder.

Na mesma década, em 1974, Jacques Julliard também apresenta a sua contribuição a esse processo de renovação, discutindo a respeito da má reputação da história política, seus vícios, suas lacunas, a inviabilidade de seus métodos, destaca a necessidade de reorganização da mesma, assim como evidencia que a história política já se encontra revalorizada nos fazeres historiográficos. Para ele, “não se trata mais de saber se a história política pode ser inteligível, mas de saber se, agora, pode existir uma inteligibilidade da história, fora da referência ao universo político” (JULLIARD, 1995[1976], p.184).

Grande também fora a contribuição de René Rémond e seu grupo, que atuou especialmente na Universidade de Paris-X- Nanterre e no Instituto de Estudos políticos de Paris, buscando superar as críticas referidas a história política, assim como estabilizá-la como perspectiva histórica coerente com uma nova realidade vivenciada, principalmente após a década de 1980.

Dentro desse campo, a história política está ligada à noção de “poder”, não mais o poder apenas do Estado, mas também a discussão do estudo de micropoderes num ambiente cotidiano, no interior da família ou nos discursos populares. Nesse sentido, não há como negar a importância do pensamento de Michel Foucault (1979)⁴, um dos primeiros estudiosos a redirecionar e ampliar a noção de “poder”, fazendo com que este seja entendido/percebido em todos os espaços de socialização humana e não prezo as estruturas governamentais dos Estados. Por meio desse redirecionamento, a nova história política pôde se apoderar de outros problemas que não lhe dizia respeito anteriormente, como a preocupação com o estudo da participação na vida política e seus processos eleitorais, integrando todos os seus atores,

³ A Nova História Política continua tratando também das elites políticas e dos assuntos do Estado, mas de forma diferenciada, fazendo um diálogo com o contexto e todos os atores sociais. Ver: HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

⁴ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

deixando de lado o caráter apenas elitista e individualista da antiga história política (RÉMOND, 1996[1988], p. 24).

Saliento que essa releitura vivenciada pelos estudos políticos deveu-se, em grande parte, a sua aproximação com o campo da Nova História Cultural. Uma das grandes contribuições da Nova História Cultural foi a ampliação das possibilidades de estudos. Atuando nas zonas de fronteiras, essa perspectiva historiográfica proporcionou uma aproximação com outras áreas do conhecimento, em especial com a antropologia. Por meio dessa aproximação, o conceito de cultura no campo historiográfico foi ampliado, assim como também o escopo de fontes históricas⁵. Nessa perspectiva, enquanto fonte, o estudo valeu-se da escrita autobiográfica de Lúcia Braga, por meio de seus dois livros, *Tempo de Viver, Tempo de Contar* (1996) e *A Casa da Palmeira* (2009), e textos publicados pela imprensa local, pontualmente os jornais *A União*, *O Momento* e *O Norte*.

Com efeito, somando-se a tantos outros fatores ou estratégias as quais se atribuem a vitória de Wilson Braga no pleito de 1982, a atuação de sua esposa Lúcia Braga também merece evidência e mérito, pois a mesma atuou junto à grupos até então deixados em segundo plano nas estratégias e atuações políticas. Pobres e mulheres foram os grupos aos quais Lúcia Braga se debruçou, realizando uma intensa campanha que teve continuidade com trabalho desenvolvido por meio da Fundação Social do Trabalho, espaço ocupado por Lúcia após seu marido tomar posse do governo do Estado.

Como Wilson fizera, ainda durante a campanha, Lúcia também destacou a necessária união entre o povo e o governo, afirmando que aquela seria a “primeira vez em que povo e governo caminham lado a lado, visando resolver os seus problemas”. A participação efetiva de Lúcia Braga na campanha de Wilson se concretizou por meio de sua atuação junto ao MAF, movimento liderado pela esposa de Braga, destinado a mobilizar mulheres em prol da campanha braguista.

O Movimento de Ação Feminina foi criado em maio de 1981. Tendo Lúcia Braga como grande líder e articuladora, contou com significativa participação de diversas primeiras-damas dos municípios paraibanos, assim como importantes lideranças comunitárias. O movimento foi extremamente importante na campanha eleitoral de Wilson Braga. “Na época tendo Lúcia Braga à frente o movimento formava quase um partido, pois contava com 5.000 mulheres só na capital paraibana. Os interiores como Bayeux, Campina Grande Patos, Guarabira, dentro outros possuíam diretórios da MAF” (Jornal *O Norte*, 25 de novembro de 1982).

Criada em maio de 1981, o Movimento de Ação Feminina, foi extremamente importante nas eleições de Wilson Braga. Na época tendo Lúcia Braga à frente o movimento formava quase um partido, pois contava com 5.000 mulheres só na capital paraibana. Os interiores como Bayeux, Campina Grande Patos, Guarabira, dentro outros possuíam diretórios da MAF (Jornal *O Norte*, 25 de novembro de 1982).

Por meio do MAF, foi realizado um trabalho intenso junto aos bairros, às favelas e também nos comitês. De acordo com Braga (1996), havia em João Pessoa, 50 comitês, espalhados pelos bairros, cada um com uma líder do MAF. No que diz respeito a participação feminina na política, Lúcia Braga declara ao jornal *O Norte*, em sua edição do dia 25 de novembro de 1982, que a mulher participaria ativamente do governo de Wilson, tanto na execução das obras sociais quanto nas mais infinitas tomadas de decisão. Isso demonstra que Lúcia Braga fez uso de um discurso visando o público feminino. Valorizando as mulheres

⁵ Segundo Burke (2004), o antropólogo que mais inspirou os historiadores foi o Clifford Geertz, que definia cultura como “um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio dos quais os homens se comunicam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida” (BURKE, 2004, 52).

enquanto sujeito participante da vida política do Estado, Lúcia e seu esposo, aparentemente, perceberam a importância eleitoral destas, e logo cuidaram em inseri-las na campanha em curso.

Até então, Lúcia Braga fora por vezes Assistente Social, esposa de político, mãe de 3 filhos. Mesmo Wilson estando na política a mais de 30 anos, apenas em 1982 Lúcia se envolve diretamente enquanto arrebatadora de votos a favor de seu marido. Como mencionado acima, em seus discursos, Lúcia recorria à questão da representação feminina, como estratégia de obtenção de votos. Lúcia Braga também aponta sua atuação na campanha e especialmente do MAF como precursora de sua vida na política.

Foi quando comecei a fazer pronunciamentos, primeiro nas reuniões fechadas, depois nos comícios de mulheres, ousando ao fim da campanha, discursar nos grandes comícios, onde as grandes lideranças do partido se faziam presentes. A minha voz também se unia à deles, ainda titubeante e nervosa, pois não tinha nenhuma experiência de palanques (BRAGA, 1996, p.76-77).

Visando o eleitorado feminino, o MAF representou na década de 1980 na Paraíba, uma participação relevante das mulheres numa campanha política. Em seus discursos, observou-se que Lúcia Braga recorria à questão da representação feminina como estratégia de obtenção de votos e de projeção pessoal. Em um de seus livros Lúcia narra algumas passagens sobre o Movimento de Ação Feminina.

Criei o Movimento de Ação Feminina, o MAF, cujas camisetas vermelhas chamavam a atenção e eram o terror dos adversários, dos partidários de Antônio Mariz, que, agora já no PMDB, disputava o governo com Wilson Braga, numa eleição direta. Formavam-se um grupo enorme de mulheres. O movimento começou na capital e tomou conta do interior. Contávamos com valorosas companheiras, entre senhoras que nunca haviam feito política e esposas de políticos que formaram as fileiras do Movimento de Mulheres” (BRAGA, 1996, p.76).

Organizando encontros e comícios, por meio do MAF Lúcia Braga foi figura constante e significativa na campanha eleitoral de seu marido. Ainda no ano da campanha, organizou na capital paraibana o 1º Encontro Estadual da Mulher Democrática Social e participou do encontro Nacional, representando as mulheres paraibanas. O Jornal *A União* noticia os dois eventos, assim como dá destaque a atuação da futura primeira-dama do Estado.

A coordenadora do MAF – Movimento de Ação feminina – Dona Lúcia Navarro Braga, esposa do candidato a governador do Estado, o deputado federal Wilson Braga revelou ontem como será realizado em João Pessoa o 1º Encontro Estadual da Mulher Democrática Social, no próximo dia 29, com a finalidade de engajar a mulher no processo político em que vive o país contribuindo para a sua formação política. A senhora Lúcia Braga reconhece que o papel da mulher na política é fundamental principalmente numa campanha política, sabendo-se que 50% do eleitorado paraibano é do sexo feminino, contingente eleitoral capaz de decidir as próximas eleições. O encontro vai servir para se debater a estratégia política a ser adotada pela mulher e, também, discutir a atuação dos comitês do MAF em João Pessoa, já engajados na campanha do sr. Wilson Braga, para o governo do Estado. [...] Com uma delegação de 17 pessoas, a Paraíba marcou presença no 1º Encontro Nacional da Mulher Democrática Social realizado em Brasília, organizado pelo PDS sob a coordenação da senadora Eunice Michelis. Dona Lúcia Braga chefiou a delegação (Jornal *A União*, 12 de agosto de 1982, p. 03).

Vale destacar que o Movimento de Ação Feminina, apesar de objetivar tocar e dialogar com o público feminino do estado, também organizava e realizava comícios com propósitos mais generalizados. A menos de um mês da realização da eleição, o Movimento

organizou um comício de grandes proporções, cuja pauta principal era o combate à violência. O acontecimento foi noticiado no dia 29 de outubro pelo Jornal *A União*.

Quinze segundos de silêncio marcou o protesto do Movimento de Ação Feminina, liderado pela sra. Lúcia Braga, conta a violência praticada pelo PMDB, nos comícios da oposição [...]. O protesto foi sucedido por vários pronunciamentos tanto de lideranças do Movimento de Ação Feminina, Lúcia Braga, Glauce Burity, Magda Gadelha, além de esposas de candidatos a outros cargos (Jornal *A União*, 29 de outubro de 1982, p. 03).

Com Wilson já eleito, ainda sobre o trabalho do MAF e sua importância na campanha de governador eleito, Lúcia dá a seguinte declaração ao jornal *O Norte*:

O trabalho desenvolvido pelo MAF ajudou a criar uma maior consciência política na mulher paraibana, que participou ativamente do nosso trabalho, levando a bandeira da vitória e conclamando a família paraibana para a campanha contra a violência dos nossos adversários, que, na realidade e lamentavelmente, deram uma demonstração de descontrol e desrespeito, através de agressões verbais e físicas, durante toda a campanha política. Acredito, portanto, que o MAF, foi um dos baluartes da nossa vitória (Jornal *O Norte*, 25 de novembro de 1982).

O jornal *A União* também destaca a importante participação de Lúcia junto a campanha de seu esposo. Na edição de 15 de novembro, dia em que ocorreu as eleições de 1982, o periódico traz a seguinte nota “Povo já festeja a vitória de Wilson por mais de 100 mil votos”. Nesta, é apresentada uma série de imagens nas quais são evidenciados os apoios recebidos por Wilson, sendo um deles o de Lúcia: “Sempre ao lado de Wilson, d. Lúcia Braga foi um dos baluartes da campanha eleitoral” (Jornal *A União*, 15 de novembro 1982, p.11).

O Movimento de Ação Feminina continuou existindo após a eleição de 1982, se fazendo sempre presente nos projetos encabeçados por Lúcia Braga, que durante a gestão de Wilson Braga assumiu a presidência da Fundação Social do Trabalho (FUNSAT). Um dos projetos de maior visibilidade efetuados sob o comando da então primeira-dama foi o Mutirão de Bayeux. O mesmo consistia na construção de um núcleo habitacional em forma de mutirão, no qual a população beneficiada realizaria a mão-de-obra e a gestão seria responsável pela parte técnica. O financiamento contou com o apoio do governo central e com uma grande quantia de fundos arrecadados pro meio de doações. O Movimento de Ação Feminina atuou junto a Funsat a fim de organizar eventos cujo objetivo era arrecadar fundos para a execução do Projeto Mutirão de Bayeux.

Outro projeto encabeçado por Lúcia Braga que contou com a participação do Movimento de Ação Feminina foi a Feira dos Municípios. A mesma teve três edições durante a gestão de Wilson Braga, contando em todas elas com o apoio do MAF. Tendo Lúcia Braga como uma das grandes idealizadoras do evento, este contou com a colaboração feminina, evidenciando mais uma vez o diálogo firmado pela esposa de Wilson e alguns grupos de mulheres da sociedade paraibana. O Movimento de Ação Feminina e o Programa Nacional de Voluntariado (Pronav) deram suas contribuições, como mostra a nota do jornal *A União* abaixo.

MAF participa da Feira da Paraíba – “Com o objetivo de discutir sugestões para a feira da Paraíba, Dona Lúcia Braga reuniu-se ante-ontem, à tarde, no auditório do Centro Administrativo, com as senhoras voluntárias do PRONAV/LBA e integrantes do MAF, que se dispuseram a colaborar com o evento, cuja renda será revertida em benefício do Projeto Mutirão, dos municípios e dos próprios artesãos participantes” (Jornal *A União*, 30 de julho de 1983, p. 07).

Durante o governo de seu esposo, Lúcia Braga desenvolve trabalhos junto às áreas periféricas da capital, sempre que possível estabelecendo o diálogo com grupos de mulheres

do estado, em especial com primeiras-damas dos municípios interioranos. Essa atuação de Lúcia Braga, que se iniciara em 1982 por meio de sua atuação a frente do MAF, se entendeu durante toda a gestão de Wilson Braga (1983-1986), propiciando a Lúcia Braga projeção pessoal junto aos grupos em que atuavam, resultando em sua candidatura e vitória eleitoral em 1986, momento em que concorreu ao cargo de deputada federal.

Assim, levando em conta suas ações, como a presença constante ao lado de seu esposo e seu poder de mobilização popular, apontadas nesse estudo, como característica significativa da personalidade em questão, aponto a atuação de Lúcia Braga junto a campanha eleitoral de 1982, por meio do Movimento de Ação Feminina, como o passo inicial para sua entrada efetiva na política partidária, fato que ocorrera em 1996. Por meio da análise realizada, evidenciou-se as relações de poder estabelecidas, consciente e inconscientemente, por meio dos espaços ocupados por Lúcia Braga durante a empreitada eleitoral e seu desencadear durante a gestão de Wilson Braga.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Serge. “A Cultura política”. In: SIRINELLI, Jean-Françoise; RIOUX, Jean-Pierre (orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa. 1998. p. 349 – 364.

BRAGA, Lúcia Navarro. **Tempo de viver, Tempo de contar**. João Pessoa: A União, 1996.

BRAGA, Lúcia Navarro. **A casa da Palmeira**. João Pessoa: A União, 2009.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2004.

CITTADINO, Monique. A Política Paraibana e o Estado Autoritário (1964 – 1986) In: **Estrutura de Poder na Paraíba**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999 (Coleção História Temática da Paraíba, v.4).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

JULLIARD, Jacques. A Política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: **Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 180-196.

LE GOFF, Jacques. “A política será ainda a ossatura da história?”. In LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1983, p. 221-242.

MELLO, José Otávio de Arruda; SANTOS, Walter; PONTES, Francisco da Silva. **Poder e política na Paraíba**. Uma análise das lideranças locais. 1960-1990. 1º ed. João Pessoa: Ed. A União/API, 1993.

MELLO, José Otávio de Arruda. **Conflitos e convergências nas eleições paraibanas de 1982, 2002 e 2006**. João Pessoa: Sebo Cultural, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RABAY, Glória; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Mulher e Política na Paraíba.** Histórias de vida e luta. João Pessoa: Assembleia Legislativa da Paraíba: Editora da UFPB, 2010.

RABAY, G.; CARVALHO, M; SILVA, M. B. As Prefeitas Paraibanas de 2013 a 2016. In: FAZENDO GÊNERO 10 - DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS: Florianópolis, 2013. Anais eletrônicos do Fazendo Gênero 2010 - Desafios Atuais dos Feminismos: Florianópolis, UFSC, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385662442_ARQUIVO_GloriaRabay.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2014.

RÉMOND, René. (Org.). **Por uma História Política.** Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1996.

_____. O retorno do político. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs). **Questões para a história do presente.** Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 51-61.

_____. Por que a História Política? Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.7, n. 13, 1994, p. 7-19. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1969/1108>. Último acesso: 10 ago. 2015.

RIOUX, Jean Pierre. A associação em política. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 99-140.

_____. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, A., TÉTART, P. (Orgs.). **Questões para a história do presente.** Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 39-50.

SANTOS NETO, Martinho Guedes dos. **Os Domínios do Estado:** a interventoria de Anthenor Navarro e o poder na Paraíba (1930-1932). Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2008.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. A 3ª Geração dos Annales: cultura histórica e memória. In: CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves; COORDEIRO JR, Raimundo Barroso (Orgs), **Cultura Histórica e Historiografia:** legados e contribuições do século 20. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010. p. 37 a 68.

SKIDMORE, Thomas E. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985. In: STEPAN, A (Org). **Democratizando o Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988. P.27 – 73.

Periódicos:

Jornal “O Norte”. 1982 a 1986

Jornal “A União”. 1982 a 1986

Jornal “O Momento”. 1982 a 1986

